

## **I – Agradecimentos (*Isabel*)**

Em primeiro lugar queremos agradecer aos Centros de Preparação para o Matrimónio, na pessoa da Susana e do Nuno, por nos terem convidado a partilhar convosco a nossa ideia sobre os “*Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial*” e, mais concretamente, a nossa visão sobre o acompanhamento dos casais nos primeiros anos de matrimónio.

Assim sendo, dividimos a nossa conversa em três ideias chave – **Caminho, Mudança e Acompanhamento.**

## **II – Caminho (*Isabel*)**

Antes de entrar no tema central da nossa intervenção, gostaríamos de nos apresentar.

Casámos há 30 anos, após 6 anos e meio de namoro. Temos 3 filhos, o Casimiro de 29, o Francisco de 28 e a Madalena de 24. Sempre vivemos em Santarém, embora o Francisco tenha feito todo o seu percurso profissional em Lisboa. Eu trabalhei maioritariamente em Santarém, com alguns períodos em Lisboa.

Após um ano de casamento, fomos convidados para ser casal assistente de uma Equipa de Jovens de Nossa Senhora. Tínhamos (e temos) 10 anos de diferença desses jovens o que nos permitiu ter uma relação de muita proximidade com todos. Foi um percurso fantástico, de aproximadamente 10 anos em que acompanhámos as decisões mais importantes das suas vidas – o percurso académico e os primeiros anos de trabalho, os seus namoros e os casamentos de muitos deles – o que veio a resultar

numa amizade para o resto da vida. Quando em 2019 essa equipa comemorou 25 anos da sua primeira reunião, fomos quase todos em peregrinação a Roma com as respetivas famílias – um grupo de 50 pessoas. A foto que veêm no canto inferior direito foi tirada em Roma no final da missa comemorativa dessas “*bodas de prata*”, presidida por D. José Tolentino de Mendonça. Inesquecível!

Entrámos para as Equipas de Nossa Senhora (casais) há 25 anos e, para além de ciclicamente sermos casal responsável da nossa equipa, nunca tivemos qualquer cargo de responsabilidade pastoral, quer no movimento, quer na nossa paróquia ou diocese.

Nunca saberemos muito bem porquê, mas no verão de 2020 fomos abordados pelo Padre Francisco Ruivo com um convite para integrarmos a equipa do Departamento Nacional da Pastoral Familiar, equipa essa que se estava a formar com alguns casais de Santarém, um deles o Vasco e a Margarida Sá Nogueira. Na conversa com o Padre Francisco Ruivo, decidimos aceitar, com a condição de não termos protagonismo, de darmos o nosso contributo numa segunda linha, nos bastidores. A realidade é que umas semanas depois, fomos escolhidos por toda a equipa para sermos o casal diretor e, portanto, o rosto mais visível do DNPF. E aqui estamos, e não é nos bastidores!

Nestes últimos dois anos e meio, muito devido ao Ano Família *Amoris Laetitia*, temo-nos desdobrado em reuniões, jornadas, encontros, fóruns, conselhos nacionais, entrevistas para jornais, rádios e televisões. Não há dúvida que termos integrado a delegação portuguesa ao Encontro Mundial das Famílias foi um marco importante, a nível pessoal, como casal e como agentes pastorais, mas a nossa participação no encontro dos responsáveis da Pastoral Familiar das Conferências Episcopais da Europa, em Vilnius, em maio de 2022, permitiu-nos uma proximidade com as realidades dos outros países da Europa muito enriquecedora.

Eramos apenas 4 mulheres, uma delas a tradutora, e eramos ainda o único casal, o que nos tornou um pouco o centro das atenções.

E, para terminar e introduzir aquilo que consideramos ser um designo da pastoral familiar para os próximos anos, vamos contar um episódio curioso da nossa história que deixámos para o final, embora cronologicamente tenha acontecido no início da nossa vida de casados.

Em 1993 fomos convidados pelo Padre João Seabra para integrar um grupo de 5 casais e promover “Cursos” para Namorados no Ano Internacional da Família que iria ocorrer no ano seguinte, 1994. Desse grupo, podem ver 4 dos 5 casais na foto da esquerda. Curiosamente, 28 anos depois, foi apresentado numa das conferências do X Encontro Mundial das Famílias, em Roma, em Junho de 2022, connosco presentes, o documento “*Itinerários Catecumenais para a vida matrimonial*”. Caminhos!

Contamos a nossa história, não só para nos conhecerem melhor, mas porque é relevante perceber que cada mulher, cada homem, cada casal, cada família, tem o seu caminho. O importante é descobrir qual é o caminho que nos torna “mais plenamente nós próprios”, como afirma o Papa Francisco no ponto 162 da exortação apostólica *Cristo Vive*.

Nós escolhemos outra frase para terminar o momento da nossa apresentação, esta da exortação *Gaudete et exultate*: «**Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo**».

### **III – Mudança (*Francisco*)**

Julgo que todos temos ideia que o Papa Francisco quer mudar mundo. Basta estudar a *Laudato si'* e a *Fratelli tutti* para perceber que estamos perante um “caderno de encargos”, uma verdadeira

proposta de mudança na forma como nos organizamos como sociedade nesta nossa casa comum.

Para concretizar essa mudança, para concluir esta “empreitada” ou, pelo menos, para começá-la, o Papa Francisco conta e convoca de forma inequívoca, as famílias e os jovens.

Não temos tempo para abordar a importância que também este pontífice atribui aos jovens, mas como nota de rodapé desafiamos-vos a tentarem perceber o que se passou em Assis em setembro passado onde Francisco se encontrou com mil jovens de 120 países, alguns de Portugal, alguns deles seguramente futuros gestores de topo, para assinar um pacto global, em favor de uma “nova economia” – a economia de Francisco, alicerçada num capital de valor inestimável: o da fraternidade.

Mas voltemos à relevância que este Papa atribui à família. Não deixa de ser significativo que uma das primeiras medidas do pontificado do Papa Francisco tenha sido convocar um sínodo sobre a família. Francisco foi eleito em março de 2013 e em outubro desse mesmo ano convoca um sínodo sobre a família, sínodo esse que teve um formato muito fora do comum, pois para além da auscultação às igrejas particulares, acabou por ser dividido em dois momentos sinodais em Roma, o primeiro em outubro de 2014 e o segundo em outubro de 2015. Fruto desse sínodo foi publicada em março de 2016 a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*.

Não nos vamos alongar sobre o conteúdo da *Amoris Laetitia*, mas julgo que todos concordamos que no momento da sua publicação foi dada uma enorme relevância ao capítulo VIII da exortação que ofuscou a riqueza do documento como um todo e dificultou a implementação de muitas das suas orientações pastorais, nomeadamente as abordadas no capítulo VI. O Papa Francisco deve ter-se apercebido que a exortação “estava na prateleira” e,

para surpresa de muitos, convocou o Ano Família *Amoris Laetitia*, com início 19 de março de 2021, dia de São José e quinto aniversário da sua publicação, e conclusão no final do X Encontro Mundial das Famílias, em Roma, mas também com eventos em todas as Dioceses do Mundo, face à situação pandémica que atravessámos.

A própria designação que foi dada ao Ano da Família é curiosa, diríamos mesmo, desconcertante. Podia ser um “vulgar” ano da família (como o de 1994), mas não, Francisco indica-nos o guião para vivermos esse ano – a exortação que estava adormecida e que tinha que voltar a ser relevante, para as famílias, para os agentes pastorais e para a Igreja.

Na prática, o Papa Francisco conseguiu que os fiéis revisitassem a exortação como forma de viver o Ano Família *Amoris Laetitia* e se preparassem para o seu encerramento mais de um ano depois. Durante muitos meses, voltou a falar-se em toda a igreja que «**o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia**», conforme se pode ler logo no primeiro ponto da exortação. Foi exactamente isto que se passou connosco! Nós próprios relemos, estudámos e divulgámos este fantástico documento. Quando chegámos a Roma, em junho passado, a *Amoris Laetitia* tinha sido algo central nas nossas vidas e no nosso casamento!

Como todos sabem, numa das conferências do encontro de Roma de junho de 2022, foi formalmente apresentado o documento “*Itinerários Catecumenais para a vida matrimonial*”, com prefácio do Papa Francisco e que vem desafiar-nos (talvez a expressão correta seja, e pensamos não estar a exagerar ao dizê-lo), vem obrigar-nos a repensar a forma como encaramos a preparação para o casamento. O tema e programa deste vosso Encontro Peregrinação é prova disso. No entanto este próprio documento tem uma história, tem um caminho.

Na quarta parte da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de Novembro de 1981 (há mais de 42 anos), o Papa São João Paulo II referia no ponto 66 com o título “*Preparação*”:

*“A preparação dos jovens para o matrimónio e para a vida familiar é necessária hoje mais do que nunca. [...]*

*[...] A preparação para o matrimónio deve ver-se e actuar-se como um processo gradual e contínuo. Compreende, de facto, três momentos principais: uma preparação remota, outra próxima e uma outra imediata. [...]*

E no ponto 69 com o título “*Pastoral pós-matrimonial*”:

*Os jovens cônjuges saibam acolher cordialmente e inteligentemente valorizar a ajuda discreta, delicada e generosa de outros casais, que já de há tempo fazem a mesma experiência do matrimónio e da família. Assim, no seio da comunidade eclesial - grande família formada pelas famílias cristãs - realizar-se-á um intercambio mútuo de presença e ajuda entre todas as famílias, cada uma pondo ao serviço das outras a própria experiência humana, como também os dons da fé e da graça.*

Todos identificamos semelhanças e linhas de continuidade entre estes dois pontos da *Familiaris Consortio* e o conteúdo da *Amoris Laetitia* e dos “*Itinerários Catecumenais para a vida matrimonial*” o que nos faz refletir e concluir que a implementação deste modelo de preparação para o matrimónio não é fácil. Se assim fosse, já estava implementado há décadas. Temos que, todos, arregaçar as mangas e concretizar este modelo, concretizar esta mudança.

Durante a vossa preparação para este Encontro Peregrinação e no decorrer do dia de ontem já analisaram os “*Itinerários Catecumenais...*” por isso apresentamos rapidamente o que consideramos mais relevante:

1. A preparação não é para o casamento, mas sim para a vida matrimonial;
2. A preparação é um itinerário, um caminho, que começa na infância, na família e na catequese, preparação que podemos designar por “**preparação remota**”;
3. É imprescindível fazer uma “**preparação próxima**”, coincidindo com o final do namoro e o noivado, com uma duração adequada (talvez um ano) e com conteúdos com analogia ao catecumenato batismal;
4. Inclusão dos noivos que, antes de empreendem o caminho sacramental do matrimónio, de facto já vivem um estado de convivência (n. 40);
5. A preparação para a vida matrimonial não termina no dia do casamento, é determinante apoiar os casais jovens nos primeiros anos da sua vida em comum;
6. É necessário encontrar estruturas pastorais, nas paróquias e/ou dioceses para apoiar os casais em crise.

Apenas duas notas adicionais. Na primeira referir que a relevância que o Papa Francisco deu a este documento, nomeadamente ao escrever um invulgar prefácio, vem como que “reparar” a pouca importância que a Igreja tem dado à preparação para o matrimónio face às restantes vocações.

Como segunda nota, partilhar convosco uma mudança que pode parecer de detalhe, mas que, julgamos nós, é reveladora de uma mudança de estratégia na implementação da preparação para a vida matrimonial.

O Papa São João Paulo II referia em 1981 na *Familiaris Consortio* que “*Nas diversas fases de preparação para o matrimónio [...] devem sentir-se empenhadas a família cristã e toda a comunidade eclesial. É desejável que as Conferências episcopais, [...] publiquem um Diretório para a pastoral da família. Nele deverão estabelecer, antes de tudo, os elementos mínimos de conteúdo, de duração e de métodos dos «Cursos de preparação», equilibrando*

*os diversos aspectos - doutrinários, pedagógicos, legais e médicos - e estudando-os de modo que quantos se preparam para o matrimônio, para além de um aprofundamento intelectual, se sintam estimulados a inserirem-se vitalmente na comunidade eclesial.”*

Por sua vez o ponto 17 dos *“Itinerários Catecumenais...”* refere que *“Será oportuno, **depois de ter elaborado o seu próprio itinerário de catecumenato matrimonial, que a diocese/paróquia** o submeta a um período de prova e experiência, através de um **“projeto piloto”** [...] Depois desta primeira experiência, será preciso recolher o parecer e as avaliações tanto dos agentes pastorais quanto dos casais participantes, refletir juntos sobre os pontos fortes e fracos, e fazer os ajustes necessários.”*

Esta mudança de estratégia, que inclusivamente está refletida no próprio subtítulo do documento – *“Orientações pastorais para as Igrejas particulares”* – permite uma maior adaptação às realidades de cada comunidade cristã – Diocese, Paróquia ou Movimento – e aponta como caminho a implementação de projetos piloto, devidamente *“afinados e calibrados”* antes de disseminar o modelo.

#### **IV – Acompanhamento (Isabel)**

Na realidade, a nossa experiência no que diz respeito ao acompanhamento casais novos traduz-se de duas formas, uma delas sem qualquer estrutura organizada de suporte e outra como membros de um movimento de espiritualidade conjugal.

No primeiro caso, tratou-se de uma extensão da nossa missão como Casal Assistente de uma equipa de jovens. Mesmo após o final da equipa, fomos muitas vezes interpelados a dar o nosso suporte aos casais que foram surgindo dessa equipa, num



acompanhamento pontual, algumas vezes em momentos de crises conjugais, mas também em outros momentos importantes nas vidas desses casais, como sejam os batizados ou alguma doença dos filhos.

Por outro lado, foi no seio das Equipas (de casais) de Nossa Senhora que nos sentimos acompanhados por outros casais, desde logo da própria equipa, mas também do movimento, e também por um Sacerdote, no caso assistente da equipa. A partilha de experiências de vida familiar na intimidade e sigilo de um pequeno grupo, reforça os laços de confiança entre casais e com o sacerdote / assistente, criando condições de abordagem a temas que noutros contextos nunca seriam partilhados. Ao longo de 25 anos de movimento, sentimos que no seio da nossa equipa temos condições de expor os nossos problemas e angústias, mas também as nossas alegrias e conquistas, tudo isto num ambiente de espiritualidade e oração.

A nossa experiência pessoal faz-nos ter a opinião que uma forma possível, para não dizer preferencial, de acompanhamento de casais novos será no seio de movimentos, como sejam os Casais de Santa Maria, as Equipas de Nossa Senhora, as Famílias Novas (Focolares) ou o Movimento Apostólico de Schoenstatt, entre outros. Parece-nos importante incentivar estes e outros movimentos a abrirem-se às comunidades onde estão inseridos e acolherem casais novos que assim o desejem.

Por outro lado, temos tido contacto com outras realidades em grupos de acompanhamento de casais novos em paróquias e dioceses. Nesse sentido estamos muito curiosos de ouvir a experiência da Teresa e do Rui Martins no seu Grupo Paroquial de Casais.

Também gostámos muito da palestra da Monica e Eduardo González, da Arquidiocese de Toledo, no X Encontro Mundial das

Famílias com o tema *“Acompanhar os primeiros anos de casamento”*. Para quem tiver interesse nesta temática pastoral, pode ver e ouvir esta palestra a partir do link no website do DNPF – Reviver o dia 23.jun.2022 (Parte 2) – mas gostaríamos de partilhar convosco dois parágrafos de que gostámos muito e que resumem bem a importância e o que deve ser o acompanhamento de casais nos primeiros anos de casamento (a tradução do castelhano é da nossa responsabilidade):

*“Nestes tempos, os casais casam-se numa sociedade hedonista, individualista e relativista, onde nos transmitem ideias sobre as relações amorosas, a sexualidade, o dinheiro, o prazer, que em numerosas ocasiões violam a dignidade do matrimónio e da família. Hoje, mais do que nunca, precisamos de luz e esperança. Não queremos ser um casamento mundano, segundo as modas do momento, queremos ser o casamento que Deus pensou para nós, e não podemos ficar sozinhos. Precisamos da nossa Mãe Igreja, que acolhe, ilumina e acompanha.*

*Encontrámo-nos sozinhos... mas não por muito tempo. Poucos meses depois do nosso casamento, o Senhor deu-nos um novo projeto de acompanhamento nos primeiros anos de casamento pela mão da delegação da família e vida da nossa diocese. Chama-se FamilyRock... é um jogo de palavras cujo significado é "Família construída sobre a rocha", referindo-se ao casamento como um forte alicerce para a família e a Jesus Cristo como rocha firme. A equipe de trabalho que está responsável por este projeto é formada por sacerdotes, casais mais velhos e um casal recém-casado. Com simplicidade, com uma aparência atraente e jovem, começa a configurar-se uma nova forma de aproximação aos esposos, e com a firme intenção de acompanhá-los com um programa baseado no capítulo VI da Amoris Laetitia, fornecendo também recursos, orações, pontos de diálogo e voltado*

*especialmente para a criação de grupos de jovens casais liderados por um sacerdote e um casal mais velho.”*

*“Temos que reconhecer que no início pensámos; "Se já fizemos os cursos de preparação para o matrimónio, que mais este acompanhamento nos pode proporcionar?" ...mas o que descobrimos é que precisávamos muito, que queríamos mais do nosso casamento e que sozinhos, muito claramente, não conseguíamos.*

*Precisávamos de um acompanhamento, queríamos viver nosso casamento não só bem, mas plenamente. Então entendemos que éramos como uma planta, uma semente preciosa plantada num vaso, mas que precisa de adubo, nutrientes, água, luz para crescer, fortalecer e dar frutos. Os casais jovens pedem à nossa Mãe, a Igreja, um acompanhamento que nos permita **alimentar-nos, receber, iluminar, partilhar, ser íntimos e fecundos.**”*

Não temos tempo para partilhar mais convosco, mas reforçamos que podem visitar este momento fantástico se tiverem interesse.

## **V – Final (Francisco)**

Uma nota final e o lançamento de dois desafios.

Primeiro. Os *Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial*, têm muitas limitações e têm que ser adaptados a cada uma das realidades pastorais onde se pretendem implementar.

Uma vez comparámos este documento a um manual de robot de cozinha. É indispensável, mas muito impessoal. É importante fazer um “livro de receitas” atrativo que permita concretizar em boa comida as funções do equipamento.

Por fim dois desafios, o primeiro de D. Armando Domingues, atual Bispo de Angra do Heroísmo. Vejam se estas palavras proferidas numa entrevista gravada no decorrer do Encontro Mundial das Famílias, ainda como Bispo Auxiliar do Porto, não é um desafio a todos os que estamos nesta sala:

*A Igreja sente que precisa de ver estas famílias a caminhar, serem capazes de viver uma missão junto das outras. A questão é saber como vamos conseguir que as famílias se tornem um grande movimento dentro da Igreja, se tornem famílias em ação, em missão, em saída.*

*Se não há famílias semente, líderes, capazes de caminhar à frente, é muito difícil. Temos de pensar a pastoral a nível nacional, a nível das dioceses, centrada mais nas famílias e partindo da capacidade das próprias famílias.*

E mesmo para terminar, a frase do Papa Francisco que mais usámos nas cartas e e-mails que enviámos a todos os agentes da pastoral familiar nos últimos meses e que também é para vós:

***Coragem! Começemos a dar os primeiros passos! Iniciemos processos de renovação pastoral!***

Obrigado.

Fátima, 05 de março de 2022